



A AÇÃO PEDAGÓGICA NOS PROCESSOS DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM, NA ALFABETIZAÇÃO: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS

Andreia Hildebrando dos Santos Salmória - EPE

Ortenila Sopelsa - UNOESC

Resumo: Os resultados apresentados neste artigo são parte de uma pesquisa maior que teve como objetivo investigar a percepção das professoras dos três primeiros anos do ensino fundamental em relação aos processos do ensino e da aprendizagem no que tange a alfabetização. A pesquisa foi desenvolvida em três escolas da rede municipal de Campos Novos (SC), participaram três professoras de cada escola, sendo cada uma delas responsável por um dos três primeiros anos do Ensino Fundamental. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturada, com o intuito de identificar aspectos relevantes ligados aos saberes e à prática, na concepção das professoras, dando vez e voz para que estas descrevessem o que acontece em relação ao tema em pauta. A partir da pesquisa foi possível identificar a importância e o valor de conhecer a realidade vivenciada pelo aluno, a interação do professor com os alunos e a família, a necessidade do planejamento e ações coletivas entre as professoras dos primeiros anos do Ensino Fundamental, incluindo também, o compromisso das políticas públicas para que efetivamente ocorra o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita, na alfabetização.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. Alfabetização.

Introdução

A alfabetização é uma das etapas que contribui para a evolução intelectual do aluno, e é um processo contínuo que ocorre de maneira gradativa. Não basta apenas codificar e decodificar. O aluno precisa interpretar, compreender e assimilar o conteúdo para que efetivamente ocorra o ensino e a aprendizagem da leitura e escrita.

No processo de alfabetização, professor e alunos ocupam papel de destaque, caminhando juntos na construção do conhecimento e objetivando os mesmos ideais. Durante esse percurso, é significativa a importância dada aos trabalhos desenvolvidos coletivamente, pois priorizam ações e posturas que desencadeiam interações entre os alunos, contribuindo, de forma expressiva, para o processo pedagógico, o qual também auxiliará na formação do aluno como sujeito ativo e pensante na sociedade.

Conforme Ribeiro (2003, p. 91), alfabetização “é o processo pelo qual se adquire o domínio das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja, o domínio da tecnologia –

do conjunto de técnicas – para exercer a arte e ciência da escrita”. Nesse sentido, alfabetização significa exercer e interpretar as práticas sociais da leitura e da escrita. Compreender e interpretar sobre o significado da leitura e da escrita, mediante o letramento, possibilitará o uso e as habilidades na construção do conhecimento.

Outro fator que possui importante papel no processo de desenvolvimento do aluno é a família, pois é de suma importância que os pais acompanhem a vida escolar dos filhos cotidianamente, isto é, reforcem as atitudes boas e corrijam os comportamentos inadequados. É oportuno, portanto, destacar “a importância de se reconhecer as famílias como parceiras ativas e essenciais na educação das crianças, ou seja, famílias e instituição precisam trocar saberes e competências [...]”. (SANTA CATARINA, 2005, p. 63). Por isso, é primordial que haja interação e diálogo entre escola e família.

Atualmente, com o Ensino Fundamental de nove anos¹, os alunos iniciam a etapa da alfabetização aos seis anos de idade e um dos grandes desafios do professor é trabalhar com a alfabetização e o letramento em sala de aula. O Parecer nº 4/2008 (BRASIL, 2008) define a obrigatoriedade da matrícula de crianças com seis anos de idade completos até o início do ano letivo, no primeiro ano do ensino fundamental. Esse Parecer, também, ressalta que: “os três anos iniciais são importantes para a qualidade da Educação Básica: voltados à alfabetização e ao letramento, é necessário que a ação pedagógica assegure, nesse período, o desenvolvimento das diversas expressões e o aprendizado das áreas de conhecimento.

Com a antecipação da entrada das crianças aos seis anos de idade no ensino fundamental, o professor necessita rever, visitar, refletir sua prática, a fim de possibilitar a aprendizagem, pois são vários os fatores que influenciam nesse processo, entre eles à diversidade presente na sala de aula. Precisa buscar alternativas variadas e viáveis ao processo educacional. É fundamental que o professor disponibilize uma gama de instrumentos pedagógicos e, assim, construa um ambiente alfabetizador adequado ao desenvolvimento das capacidades e habilidades de cada aluno.

Freire (1978) enfatiza que a alfabetização não está relacionada ao método, mas a uma concepção de alfabetização que oportuniza a democratização da cultura, a reflexão sobre o mundo e o lugar do homem, sendo este o sujeito ativo do processo de aprendizagem.

¹ A Lei 11.114/2005 tornou obrigatória a matrícula da criança aos seis anos de idade no ensino fundamental e a Lei 11.274/2006 ampliou de oito para nove anos de duração. Sendo a faixa etária prevista: anos iniciais- 6 a 10 anos de idade; anos finais- 11 a 14 anos de idade.

Na rede de ensino municipal de Campos Novos (SC), o Ensino Fundamental de nove anos foi implantado em 2007, para o primeiro ano, em 2008, para o segundo ano, em 2009 para o terceiro ano, sucessivamente.

Nesse sentido, a presente pesquisa teve como objetivo investigar a percepção das professoras dos três primeiros anos do ensino fundamental em relação aos processos do ensino e da aprendizagem na alfabetização. Foi desenvolvida em três escolas da rede municipal de Campos Novos (SC). Participaram três professoras de cada escola, sendo cada uma delas responsável por um dos três primeiros anos do Ensino Fundamental. A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas com as professoras envolvidas. Dar vez e voz às professoras possibilitou-nos identificar aspectos relevantes ligados aos saberes e à prática docente.

Neste artigo, identificamos e analisamos as principais dificuldades vivenciadas e ações realizadas nos processos do ensino e da aprendizagem, pelas professoras envolvidas na presente pesquisa.

ALFABETIZAÇÃO: UMA RELAÇÃO DE APRENDIZAGEM

A alfabetização é o processo em que o aluno se apropria do ensino e da aprendizagem. A escola é o principal espaço para a busca do conhecimento, em que ocorre à intervenção pedagógica, e a função do professor é ser um mediador do conhecimento. Com seu auxílio, precisa acontecer a aprendizagem significativa dos alunos. No entanto, sabemos que não é apenas na escola que o aluno aprende. O processo de alfabetização depende, também, do ambiente familiar no qual o aluno está inserido, pois, mesmo antes de iniciar sua vida escolar já possui conhecimento de leitura do mundo por meio de jornais, revistas, livros, mídia, internet e até mesmo nas ruas (panfletos, placas de sinalização, entre outros), ou seja, os símbolos e as letras que a criança vê podem não ter significado, mas, ao chegar à escola, o contato com a linguagem escrita possibilita a ela compreensão sobre o significado das palavras, isso decorre por intermédio das práticas de alfabetização que estimulam a leitura e a escrita.

Alfabetizar é possibilitar que o aluno tenha conhecimento não só das letras, mas, sobretudo, do significado, a fim de compreender o que está escrito, pois, mediante aquisição e produção de conhecimento, são obtidas outras formas de linguagem. É importante proporcionar ao aluno contato com diversos tipos de leitura, seja ela de qualquer texto e gravuras, fazendo com que desperte sua imaginação e criatividade.

Portanto, o processo de alfabetização só ocorrerá quando o aluno souber ler, escrever, interpretar e elaborar produções de texto simples ou complexo, com eficiência e qualidade.

Esse processo tem seu início na alfabetização e estende-se por toda a vida, pois a alfabetização não se esgota na aprendizagem da escrita, leitura, matemática, abrange todas as linguagens, por isso que o papel do professor alfabetizador é de extrema importância. A realização da alfabetização, em sentido amplo, depende da postura do professor, de sua atitude em relação aos alunos nas mais diversas situações.

Segundo a Proposta Curricular do Estado (SANTA CATARINA, 2005, p. 7):

O que é possível renovar e enriquecer é o conteúdo da aprendizagem em um processo interativo de comunicação que tenha infraestrutura atualizada de informações e de tecnologias educacionais. Também é possível ampliar os espaços, para que o processo de ensino-aprendizagem se dê de uma maneira aberta, em que professor e alunos interajam com alegria na geração contínua do novo conhecimento.

É de suma importância o professor ampliar seus conhecimentos e mediar os alunos, de modo que estes exponham suas preferências, dificuldades ortográficas, interpretem e produzam textos compreensíveis, tornando-se sujeitos ativos, autônomos e participantes no mundo e no contexto social no qual estão inseridos.

O professor tem de refletir sobre sua ação pedagógica e analisar como se processa o trabalho de alfabetização que é realizado na perspectiva do letramento. Conforme observam Castanheira, Maciel e Martins (2009, p. 16):

Acreditar que é possível alfabetizar letrando é um aspecto a ser refletido, pois não basta compreender a alfabetização apenas como a aquisição de uma tecnologia. O ato de ensinar a ler e escrever, mais do que possibilitar o simples domínio de uma tecnologia, cria condições para a inserção do sujeito em práticas sociais de consumo e produção de conhecimento e em diferentes instâncias sociais e políticas.

No decorrer do ano letivo, o professor indaga-se, reflete, discute consigo mesmo e depara-se com os desafios de trabalhar com a alfabetização, na grande diversidade da sala de aula; isso significa ensinar diferente a ler e escrever para alunos diferentes. Refletir sobre as ações pedagógicas no espaço da alfabetização é perceber em que medidas se articulam e se entrelaçam as dimensões sociais, culturais e individuais, pois o conhecimento evolui e se transforma de acordo com o movimento histórico de cada sociedade. Desse modo, também a alfabetização e o letramento se desenvolvem de acordo com a dinâmica das relações existentes na sala de aula, vinculados a vida dos alunos.

Tendo em vista que as entrevistadas trabalham em escolas de periferia (bairro), cujos alunos pertencem à estrutura de ‘família’ diversificada², muitos deles são filhos de analfabetos ou semianalfabetos. Assim, é possível observar as implicações existentes e que norteiam os grandes desafios enfrentados pelas professoras.

Para Vigotski (2003, p. 75):

Na base do processo educativo deve estar a atividade pessoal do aluno, e toda a arte do educador deve se restringir a orientar e regular essa atividade. No processo de educação, o professor deve ser como os trilhos pelos quais avançam livre e independentemente os vagões, recebendo deles apenas a direção do próprio movimento.

Na fase de alfabetização, a criança necessita de apoio, auxílio e orientação de um adulto para aprender. Percebe-se então, a necessidade de o professor conhecer a realidade social e cultural do aluno, a fim de contribuir para a alfabetização significativa para que o aluno compreenda a importância de saber ler e escrever em nossa sociedade. Portanto, no processo de alfabetização, as interações entre professores, família e alunos fazem a diferença. A mediação das ideias e experiências com o outro pela palavra, pela autonomia de vez e voz, traz a perspectiva de um trabalho diferenciado e repercute em ações que contribuem significativamente no desenvolvimento da leitura e da escrita.

Durante nossas vivências enquanto professoras do Ensino Fundamental observamos que, de maneira geral, os alunos apresentam dificuldades na leitura e escrita, uns com mais intensidade do que outros, e as razões são as mais diversas possíveis.

Diante disso, consideramos relevante identificar como se desenvolvem os processos do ensino e da aprendizagem na alfabetização, na concepção das professoras alfabetizadoras.

Nesse sentido, a professora B observou: *mais especificamente na nossa realidade da escola municipal, uma das dificuldades é a falta de acesso da criança às letras, ao mundo escrito. Eles não têm livro. Os pais não têm isso em casa. Então, essa é uma das grandes dificuldades, e porque não dizer até a principal, que acontece.*

Em seu relato, a professora A assinalou: *A principal dificuldade que sinto é a falta de vivência leitora das crianças. Eles não foram acostumados. Os pais não leem, não têm esse hábito. Quando eles vêm para a escola, eles não têm interesse, isso não é valorizado no meio deles. Boa parte dos pais é analfabeta ou analfabeta funcional.*

² São famílias de pais separados, desempregados; em muitos casos, os alunos moram com os avós ou parentes, e outros sofrem violências, diariamente, em casa.

Segundo a concepção dessas professoras alfabetizadoras, o que está faltando é o incentivo, por parte da família, ao aluno para o mundo da leitura. Porém esta é a realidade, na maioria das famílias. De maneira geral, os pais não conhecem os mecanismos que levam os filhos a aprendizagem formal. Para essas famílias, a função de alfabetizar seus filhos é da escola.

Com relação a esse tema, Kramer (2010, p. 111-112) contribui ao enfatizar:

É verdade que as condições de vida da grande maioria das crianças das classes populares são muito precárias, e a transformação dessa situação é urgente. É certo que a escola não tem o poder de mudar essa situação. Mas, por outro lado, não é possível continuar apenas reclamando das crianças. Será que não conseguimos encontrar novas maneiras de trabalhar com essas crianças que aí estão? [...] Encontro muitas dificuldades ao procurar agir dessa forma, mas acontece que estou cansada de apenas acusar as crianças e suas famílias, pelos problemas que tem na escola.

Em razão dessa situação, o professor precisa conhecer a realidade vivenciada pelo aluno e, com base nisso, o Projeto Político Pedagógico da escola contemplar tais necessidades. Para tanto, é necessário um trabalho coletivo na escola, incluindo políticas públicas de formação continuada tanto aos professores quanto aos familiares, assessoria pedagógica e psicológica aos professores, alunos e familiares, uma vez que somos conhecedores que o emocional e o intelectual são indissociáveis.

Diante disso, podemos verificar que as ações pedagógicas precisam contemplar as necessidades dos alunos, e, no caso da criança que não tem auxílio dos pais, é a que mais precisa da escola para se alfabetizar. Segundo Vigotski (2003, p. 105), “a criança reproduz e assimila ativamente o que observa nos adultos, aprende as mesmas atitudes e desenvolve as habilidades mais primordiais para a sua atividade futura”. Se, no grupo familiar, a criança não tem hábitos de leitura, o professor precisa criar estímulos que façam com que esse aluno aprenda a ler e a escrever, superando as dificuldades.

Por isso, é necessário que o PPP da escola contemple a orientação a ser oferecida aos pais. Caso contrário, fica apenas no discurso e queixas que vêm se arrastando há muitas décadas.

Referindo-se às dificuldades encontradas em sala de aula, algumas professoras relataram sobre o ensino fundamental de nove anos. A professora D salientou: *a principal dificuldade é por causa da lei dos nove anos, a criança tem que se alfabetizar até o terceiro ano. Então, eles estão passando no primeiro ano, não podem reprovar, no segundo também não. Assim, muitos chegam ao terceiro ano, analfabetos.*

Nesse mesmo contexto, a professora F ressaltou: *Isso se acentuou depois da mudança dos nove anos. É a imaturidade da criança e como eles vêm chegando do infantil para o primeiro ano, porque eles chegam aqui sem equilíbrio nenhum, eles não têm um pensamento lógico. Eles falam todos juntos, porque é a característica de seis anos, a fala, a conversa. Eles não têm noção da hora de escutar e a hora de falar, principalmente alunos que vem de outras escolas. Estão defasados em relação a nossa escola.*

Sabe-se que um dos objetivos do Ensino Fundamental obrigatório de nove anos é oportunizar as crianças a permanência por mais tempo na escola, com uma aprendizagem de qualidade e, conseqüentemente, a diminuição do fracasso e evasão escolar. Tal oportunidade foi estendida para milhões de crianças pobres, o direito que algumas outras crianças já tinham.

A alfabetização e a aprendizagem dos alunos ocorrem de forma processual e efetiva durante o primeiro, segundo e o terceiro ano. Nesse sentido, não adianta culpar o professor da série anterior, é preciso, sim, observar o que é necessário fazer na realidade atual do aluno, uma vez que não aconteceu durante o processo dos diferentes anos. Para tanto, o professor precisa considerar em suas atividades docentes a diversidade, as particularidades etárias, sociais e psicológicas e o ritmo próprio de cada um. Considerar, também, que a reprovação nunca foi nem será sinônimo de aprendizagem.

De acordo com Seber (2009, p. 26), “o ritmo próprio de cada criança para aprender pode variar tanto quanto a qualidade das estimulações propiciadas pelo meio social em que ela cresce.” O professor precisa, então, buscar novas metodologias e teorias que deem conta de tal diversidade em sala de aula, caso contrário, as dificuldades vivenciadas pelos alunos na alfabetização se arrastarão durante toda vida escolar, ou seja, dos anos iniciais até o ensino médio.

Enfatizamos a necessidade de o professor pensar em maneiras diversificadas de trabalhar a alfabetização, com atividades organizadas de tal modo que a leitura e a escrita tenham diferentes formas de representação infantil tanto lúdica como textual, como forma de chamar a atenção dos alunos. Também, o professor necessita conhecer, avaliar e interagir com as ideias e as ações que os alunos estão desenvolvendo durante a atividade de leitura e escrita. Oportunizar alternativas viáveis que atendam às necessidades desses alunos, fazendo com que, aos poucos, eles vão mudando sua maneira de agir, o momento certo de falar, de ouvir e de brincar.

Diante dessa perspectiva, o professor alfabetizador pode entender o processo de construção pessoal de cada um de seus alunos, interagindo com o mundo em que vive. Os

alunos são também sujeitos ativos de aprendizagem, cabe ao professor o importante papel de líder e facilitador desse processo, criando condições que favoreçam o ensinar e o aprender na alfabetização.

Cagliari (1998, p. 188) enfatiza que “os alunos vão aprendendo que precisam cuidar não só da ortografia, da clareza e da beleza gráfica das letras, mas também da maneira como as palavras são colocadas no papel, dos sinais de pontuação e das demais marcas da escrita”.

Nesse sentido, enfatizamos mais uma vez a importância da mediação do professor. Ele precisa estar atendo às diversidades e as diferenças existentes na sala de aula. Considerar, também, a importância da interlocução entre as professoras dos primeiros anos do Ensino Fundamental e sua formação continuada. Porém, vale retomar aqui as observações feitas pelas professoras F e D, em relação ao Ensino Fundamental de Nove Anos e refletir sobre o que a legislação do Ensino Obrigatório de Nove Anos, e as políticas públicas está de fato contribuindo, na formação continuada dos professores em relação aos processos do ensino e da aprendizagem na alfabetização.

Nessa direção Nóvoa (1995, p. 67), enfatiza que “a formação continuada precisa valorizar os saberes de referência da profissão, a partir da reflexão que os docentes fazem sobre sua prática” Por isso, os estudos, discussões e reflexões coletivas na escola se fazem necessárias.

Quando questionada sobre como desenvolve a ação pedagógica no processo de alfabetização, a professora A falou: *Eu procuro dar atividades que os alunos consigam fazer dentro do contexto deles. Por exemplo, quando vamos trabalhar com números, procuro explicar onde o número pode ser usado, para que eles associem. Então quando eles quiserem calcular, quando eles quiserem escrever algum bilhetinho para a mãe, que precisam de alguma coisa, saberão escrever. Então é procurando mostrar onde eles vão precisar e as tarefas que eles fazem normalmente são nesse sentido, que tem a ver com a realidade deles.*

A aprendizagem efetiva do aluno dar-se-á quando o professor na função de mediador do conhecimento, buscar formas de ações que promovam a aprendizagem em sala de aula e fora dela. A sala de aula é um espaço onde ocorrem as interações sociais, as trocas de experiências, as descobertas e a construção do conhecimento. Tais ações precisam fazer parte do contexto social dos alunos.

As atividades realizadas em sala de aula e a tarefa escolar, que a professora A destacou estão relacionadas à língua portuguesa, matemática e articuladas ao contexto histórico-cultural do aluno.

De acordo com Soares, Aroeira e Porto (2010, p. 31-32):

Entra aí a perspectiva do letramento, fazendo com que o aluno exerça a condição de ser alfabetizado [...]. O professor deve se questionar sobre como a criança aprende, para que ele está se propondo a ensinar determinado conteúdo e a quem serve esse conhecimento, tendo sempre como referência o aluno como ser cognitivo, afetivo, social e cultural.

O professor ao fazer a articulação da teoria com a prática, bem como a relação com o contexto do aluno, observando os fatores cognitivo, afetivo, social e cultural, melhorará a prática pedagógica, e conseqüentemente o processo de alfabetização fluirá.

Nessa mesma questão, a professora C relatou: *Faço um grupo com os alunos mais adiantados. Com os que não sabem ler, faço uma leitura mais simples, para que aprendam.*

Vale ressaltar, neste relato, que a professora C, identifica as dificuldades encontradas no processo de alfabetização, contudo, pode-se mencionar que sua atitude é equivocada, uma vez que deveria mesclar os dois grupos com alunos com dificuldades juntamente com os que não as apresentam. Esta professora separa os alunos com dificuldade em um só grupo, privando-os de estarem em um processo mais significativo de aprendizagem. E, ainda, aos alunos com dificuldade proporciona uma leitura mais simples, isto é, mais superficial, o que acarreta uma disparidade ainda maior das diferenças encontradas em sala de aula.

De acordo com Castanheira, Maciel e Martins (2009, p. 32), “o modo como o professor conduz o seu trabalho é crucial para que a criança construa o conhecimento sobre o objeto escrito e adquira certas habilidades que lhe permitirão o uso efetivo do ler e do escrever”.

Ainda, em relação à ação pedagógica no processo de alfabetização, a professora F narrou: *[...] gosto de trabalhar em duplas ou em grupos. Em duplas, a criança que tem dificuldades com a criança que já atingiu os objetivos, porque criança interagindo com criança, aprende mais fácil. Às vezes explico e ela não entende, o coleguinha explica e ela entende. Hoje, temos bastante material concreto: quebra cabeça, dominó, jogo de memória e que auxiliam nas atividades de maneira lúdica. Então aquele grupo que já avançou vai formar frases com o alfabeto móvel por exemplo. Aqueles que ainda não conhece as letras, eu trabalho coletivamente, auxiliando-os para reconhecer a letra que ainda não conhecem.*

A concepção da professora F é oposta a da professora C. Demonstra preocupação com as dificuldades encontradas em sala de aula, no que tange a alfabetização. Elege o trabalho em duplas ou em grupos, mesclando alunos com dificuldades com os que não as têm. Neste sentido, conforme Vigotski (2003, p. 115), “as crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades. Numa atividade coletiva ou sob a orientação de adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais

coisas”. O aluno aprende individualmente, mas se a atividade for conduzida coletivamente, a interação entre os pares será muito mais produtiva e assimilada por eles.

A professora F enfatiza a importância do uso de materiais concretos na fase da alfabetização. Estudos mostram que o material concreto possibilita aos alunos estabelecerem relações entre as situações experienciadas na manipulação de tais materiais e a abstração dos conceitos estudados. O uso de material concreto propicia aulas mais dinâmicas, e possibilita a construção de diferentes níveis de elaboração do conceito (PAIS, 2006).

Neste contexto, Vigostki (2003 p. 126) afirma que “é enorme a influência do brincar no desenvolvimento de uma criança [...]. É no brincar que a criança aprender a agir na esfera cognitiva”. Faz-se necessário frisar que as atividades lúdicas pedagógicas são importantes nesse processo, desde que tenham interligação com o conteúdo a ser aprendido.

Outra questão importante foi o que a professora B relatou sobre como desenvolve suas atividades de ensino: *Primeiro costumo conhecer meu aluno, conhecer a família dele, ver de onde vem, ou seja, o contexto onde vive. Depois converso sobre a importância de ler e escrever para a vida deles. Trago jogos onde aparece muitas palavras, muitas letras. Tenho trazido na sala de aula todos os dias, a roda de leitura. Inicialmente organizo a roda de leituras, apresento livros diferentes, livros coloridos, mas sempre mostrando pra eles letras, palavras, sempre visualizando. [...] Então eu cuido para que essas atividades sejam bem amarradas com o interesse dos alunos, e as dificuldades que ainda tem. [...] Por exemplo, ontem nós fizemos um bingo das palavras com sílabas simples e grafias simples. Eles brincaram, jogaram, participaram do bingo com muito entusiasmo. Ao final da atividade, nós trabalhamos um ditado. Através do ditado, eu já pude perceber o que é que eles tinham assimilado e o que ainda não sabiam fazer.*

Diante disso, a professora clarifica seu objetivo, que é primeiramente conhecer o aluno e a realidade em que vive, ou seja, o que ele já conhece em relação à língua. Soares (2006, p.20) corrobora enfatizando que “quando chega à escola, a criança já domina um determinado dialeto da língua oral; esse dialeto pode estar mais próximo ou mais distante da língua escrita convencional”. Este fator poderá interferir no processo de aquisição da língua escrita.

Neste sentido, a professora investiga por vários caminhos o que o aluno domina. E, também, reforça a importância para os alunos de frequentar a escola e, ainda, o significado de ser alfabetizado. De acordo com Cagliari (1998, p. 107):

Estar na escola é um fato que cria expectativas. Mas alguns alunos podem ter uma visão muito restrita do que os espera. Por isso, é necessário que o professor, no início do ano, converse com seus alunos para saber de suas experiências com relação

ao trabalho escolar que terão pela frente. Mas é bom também perguntar aos alunos quais são seus anseios. O que eles pretendem ler? O que eles pretendem escrever? O que pretendem fazer no começo da alfabetização? O que eles pretendem fazer depois, quando já souberem ler e escrever fluentemente? O que pretendem fazer depois, quando saírem da escola já formados?

Vale citar aqui, o papel dessa professora quando relata os cuidados que tem para preparar o ambiente escolar. É importante que se proporcione uma sala de aula atrativa, com materiais didáticos pedagógicos coloridos, com várias formas, estilos distintos de letras que estimulem a aprendizagem dos alunos de diferentes maneiras.

Nesse contexto o professor pode avaliar seu aluno de forma processual. “Avaliar a aprendizagem, portanto, implica avaliar o ensino oferecido – se, por exemplo, não há a aprendizagem esperada, significa que o ensino não cumpriu com sua finalidade: a de fazer aprender”. (BRASIL, 2004, p. 56).

Outro ponto que as professoras apontam em relação às dificuldades enfrentadas na ação pedagógica, deve-se ao fato das lacunas deixadas pela formação inicial. Sobre a sua formação inicial, a professora A explicou: *A graduação contribuiu muito teoricamente. Embora uma das disciplinas tenha sido voltada à alfabetização, trouxe poucas contribuições sobre a linguagem, na maioria, apenas conceitos e definições. Deveria haver mais leitura, reflexão e discussão sobre o processo de apropriação de escrita, sobre como as crianças aprendem.*

Já a professora B relatou: *A alfabetização deveria fazer parte de todos os anos do curso de graduação. Acredito que apenas ler, conhecer a teoria sem correlação com a prática não traz conhecimento pleno. Os professores de hoje mal sabem interpretar e escrever. Deveria haver um trabalho que procurasse melhorar essas habilidades, na graduação, pois se o professor não sabe produzir, como vai ensinar a produzir?*

É imprescindível reconhecer o professor como um ator competente e sujeito ativo, cercado de saberes, e que, em seu desempenho, cotidianamente, depara-se com situações problemáticas para as quais não basta a simples aplicação de conhecimentos oriundos das ciências da educação, ou de saberes específicos ao conteúdo que desenvolve em sua disciplina. Para saná-las, o docente necessita de saberes que emergem das múltiplas interações entre as fontes de seus saberes, que são de origem e natureza diversas (TARDIF, 2002).

Na concepção da professora B, muitos professores não dominam a interpretação e a escrita. Consideramos tais fatores relevantes para a prática na alfabetização, pois segundo o conceito da Proposta Curricular do estado (SANTA CATARINA, 2005), “estar alfabetizado é saber ler, escrever e interpretar textos diversificados”. Portanto, alfabetizar é ensinar o aluno a

ler, escrever e interpretar todos os símbolos e tipos de textos, desde os mais simples até os mais complexos. É proporcionar ao aluno o sistema alfabético, ortográfico e sinais gráficos e, ao mesmo tempo, oportunizar a utilização desses conhecimentos na leitura e escrita, no contexto social do aluno.

De acordo com Kramer (2010, p. 98):

Alfabetizar não se restringe à decodificação e à aplicação de rituais repetitivos de escrita, leitura e cálculo. A criança não compreende as situações que a rodeiam, não identifica os objetos e se expressa de várias formas antes de falar? Similarmente, diversas tentativas de produção da escrita e diversificadas experiências de ler antecedem a leitura/escrita da criança.

Para que a alfabetização ocorra de fato, é primordial que o professor, em sua prática pedagógica, explicita o significado de saber ler e escrever para a vida do aluno, uma vez que nós, seres humanos, aprendemos e desenvolvemos tudo o que tem significado para nossas vivências. O uso adequado dessa prática faz com que a criança veja a escrita e a leitura como algo natural e necessário e não apenas um dever ou uma tarefa.

A professora A enfatizou a importância da leitura e da reflexão na aquisição da escrita. Porém, se isso não é desenvolvido no curso de graduação, como a professora vai proporcionar aos alunos a reflexão e a criticidade? Sabemos que a criticidade é um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento da autonomia.

Nóvoa (1995, p. 25) contribui quando assinala que “a formação inicial deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite a dinâmica de autoformação participada”. Nesse sentido, na graduação, os alunos necessitam de reflexão crítica, pois serão os responsáveis pelo aprendizado de seus alunos, são eles os fios condutores desse processo.

Com base na concepção das professoras alfabetizadoras e à luz do referencial teórico, gostaríamos de explicitar que, no processo de alfabetização, existem muitos desafios e dificuldades enfrentadas pelos professores, contudo, faz-se necessário afirmar que o processo de construção do conhecimento em relação à alfabetização é contínuo. Portanto, alfabetizar, não é somente função dos professores dos três primeiros anos, mas de todos os envolvidos no processo educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em princípio, cabe mencionar que é preciso entender a alfabetização como uma atividade interdiscursiva e de interação, isto é, implica em refletir o conhecimento construído.

Desta forma, procurou-se compreender de forma teórica como as professoras dos três primeiros anos do ensino fundamental concebem os processos do ensino e da aprendizagem na alfabetização. Entretanto, é importante mencionar que há uma relação indissociável entre qualidade de ensino com as políticas públicas, formação inicial e continuada, preocupação e comprometimento por parte dos professores e gestores da escola.

Nesse sentido, as professoras narraram sobre a formação inicial como de suma importância para sua vida profissional. A maioria das professoras afirma que, especificamente, no curso de Pedagogia, deveria ter mais atividades práticas em relação à alfabetização. É importante que estas práticas façam parte de todas as séries, uma vez que conhecendo o contexto dos alunos, o professor estará considerando o mundo que eles vivem e que conhecimentos fazem parte de seus domínios. O fator trabalho em grupo é preponderante na construção e socialização do que estão aprendendo em sala de aula, bem como descentraliza o papel do professor, tornando-o mediador do conhecimento. Assim, diversificar as estratégias de ensino é de suma importância, uma vez que se prioriza várias formas de aprendizagem como também observam um mesmo objeto conhecimento sob várias óticas.

No que tange aos processos do ensino e da aprendizagem na alfabetização, foram levantadas três dificuldades. A primeira revela a cultura do aluno, o qual não tem hábito de ler, uma vez que não tem acesso a livros, jornais e revistas em casa. A segunda é a falta de apoio da família, esta não ajuda as crianças nas tarefas escolares, sendo que, muitas vezes, os pais são analfabetos funcionais. Assim, observamos a necessidade de interlocução entre família e escola. Proporcionar aos alunos o contato com textos diversificados, bem como se incentive o gosto pela leitura. Faz-se necessário, também, provocar debates e reflexões que estimulem a aprendizagem significativa.

A terceira é o Ensino Fundamental de nove anos, ou seja, aumentou-se um ano no ensino obrigatório, com o objetivo de melhorar o convívio escolar com mais oportunidades de aprendizagem. Nesta pesquisa, as professoras não vislumbram a melhoria da qualidade de ensino nesta modalidade, atribuem aos alunos despreparo cognitivo e psicomotor, bem como culpam os professores dos anos anteriores por não desempenharem de forma satisfatória o seu papel. Também relatam que o Ensino Fundamental de nove anos, não reprova nos dois primeiros anos, e, que com a implantação dessa lei a criança inicia o primeiro ano ainda imatura.

A partir das narrativas enfatizamos, que em nenhum momento as entrevistadas relataram que as lacunas observadas nos alunos podem estar relacionadas aos processos do ensino e da aprendizagem, ou seja: a) a formação inicial de professores. É importante destacar

que a Universidade, mais especificamente o Curso de Licenciatura em Pedagogia, precisa se preparar de acordo com a lei do ensino fundamental de nove anos; dar ênfase as questões propriamente ditas da alfabetização; b) a formação continuada de professores. Analisar como as políticas públicas oferecem tal formação na escola. Compreendemos que esta precisa ser focada em conteúdos e práticas próprias da alfabetização, no sentido de instrumentalizar e dar condições necessárias para que professores e alunos tenham êxito nas atividades de ensino. c) cabe aos professores, também, perceber a diversidade existente em suas salas de aula. E, a partir disso acompanhar e mediar cada caso conforme sua especificidade.

Evidenciamos, também, que a escola necessita proporcionar momentos de socialização, troca de experiências entre as professoras, visto que nesta oportunidade, poderão refletir, discutir e contribuir para compartilhar as práticas docentes que foram efetivadas com sucesso e buscarem coletivamente alternativas para solucionar as dificuldades em sala de aula.

Cabe mencionar que algumas práticas evidenciadas na pesquisa são relevantes nos processos do ensino e da aprendizagem na alfabetização. Segundo as professoras participantes da pesquisa, elas consideram o contexto dos alunos, trabalham em grupo e diversificam as estratégias de ensino.

É importante que estas práticas façam parte de todas as séries, uma vez que conhecendo o contexto dos alunos, o professor estará considerando o mundo que eles vivem e que conhecimentos fazem parte de seus domínios.

Enfatizamos que a presente pesquisa proporcionou-nos a compreensão da relevância social em relação à alfabetização nos três primeiros anos do Ensino Fundamental, também refletimos sobre o papel das políticas públicas e, ainda, dar voz às professoras alfabetizadoras possibilitou momentos de socialização e de ímpar experiência. Enquanto professoras do ensino fundamental e ensino superior percebemos o leque de dificuldades que envolvem o ensinar, desde o número de alunos, suas diferenças e seus anseios. Tivemos a oportunidade de perceber, como Freire que o conhecimento é inacabado, principalmente no que se refere ao professor alfabetizador, pois alfabetizar não é somente saber ler e escrever, mas sim interpretar a leitura e a escrita a partir do letramento.

Observa-se assim, a prioridade que as políticas públicas, os gestores, profissionais envolvidos no processo do Ensino Básico e, nós professores pesquisadores do Ensino Superior precisamos atribuir aos processos do Ensino e da Aprendizagem na alfabetização.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria da Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Coordenadoria Geral do Ensino Fundamental. Ensino Fundamental de Nove Anos: Orientações Gerais. Brasília, DF: MEC, 2004.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica. Orientações Curriculares para o Ensino Médio- Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, DF: MEC, 2006.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB n. 4/2008, de 20 de fevereiro de 2008. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF: MEC, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne>>. Acesso em: 20 out. 2010.

CAGLIARI, L. C.. Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU. São Paulo: Scipione, 1998. (Pensamento e ação no magistério).

CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, F. I. P.; MARTINS, R. M. F. (Org.). Alfabetização e letramento na sala de aula. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 2009. (Coleção Alfabetização e Letramento na Sala de Aula).

FREIRE, P. A Educação como Prática de Liberdade. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

KRAMER, S. Alfabetização, Leitura e Escrita: formação de professores em curso. São Paulo: Ática, 2010.

NOVOA, A. Formação de Professores e Profissão Docente. In: NÓVOA, A.(Org.). Os professores e sua formação. Lisboa: D.Quixote, 1995.

PAIS, L. C. **Ensinar e Aprender Matemática**. São Paulo: Autêntica, 2006.

RIBEIRO, V. M. (Org). Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2003.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. Proposta Curricular de Santa Catarina. Estudos Temáticos. Florianópolis: Ioesc, 2005.

SEBER, M. da G. A Escrita Infantil: o caminho da construção. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e Ação na Sala de Aula).

SOARES, M. Alfabetização e Letramento. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SOARES, M. I. B. Alfabetização Lingüística: da teoria à prática. Belo Horizonte: Dimensão, 2010. 144 p.

TARDIF, M.. Saberes e Formação Docente. Petrópolis: Vozes, 2002.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia Pedagógica*. Tradução Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.